

“Sejam perfeitos”: o que Jesus quis dizer

“Portanto, sejam vocês perfeitos como perfeito é o Pai de vocês, que está no céu.”

Mateus 5.48 · NAA

Leitura prévia: Mateus 5.43-48; Lucas 6.32-36; Mateus 6.9-15; Mateus 18.21-35

Bispo Ildo Mello

O próprio Jesus nos chama à perfeição

“Portanto, sejam vocês perfeitos como perfeito é o Pai de vocês, que está no céu.” *Mateus 5.48*

Jesus não apresenta a santidade como opção destinada a alguns cristãos excepcionais. Ele a coloca diante de todos os seus discípulos, no meio do Sermão do Monte, dirigido às multidões.

E é justamente por isso que o versículo incomoda tanto. Se fosse dirigido a uma elite espiritual, poderíamos deixá-lo de lado com boa consciência. Como é dirigido a todos, precisamos decidir o que ele significa.

O que *teleios* significa no Novo Testamento

A palavra grega *teleios* é usada para aquilo que alcançou o seu propósito, que está completo ou que chegou à maturidade. Ela tem parentesco com *telos*, fim ou alvo, mas o que decide o seu sentido não é a etimologia, e sim o uso.

Paulo a emprega para o cristão maduro em contraste com a criança.

1Co 14.20; Ef 4.13

Hebreus a usa para os que já passaram do leite ao alimento sólido.

Hb 5.14

Tiago, para quem chegou à integridade pela perseverança.

Tg 1.4

Paulo, para o alvo do ministério: apresentar todos perfeitos em Cristo.

Cl 1.28

Vale registrar o que a palavra não significa. Ela não significa “sem defeito algum” no sentido matemático, nem “impecável” no sentido de infalível. Um instrumento é *teleios* quando cumpre a sua função; uma pessoa é *teleios* quando alcançou a maturidade correspondente à sua condição.

Roberts usou uma imagem agrícola que ilustra bem: a planta de milho é perfeita em cada fase do seu desenvolvimento. O broto é um broto perfeito; a espiga madura é uma espiga perfeita. A perfeição, aqui, é adequação ao estágio e à finalidade, não ausência de crescimento. Isso resolve boa parte das objeções antes que sejam formuladas: quando alguém diz “ninguém é perfeito”, está usando a palavra num sentido que não é o do Novo Testamento.

O contexto de Mateus 5 é decisivo

Mateus 5.48 não aparece isolado. É a conclusão de um parágrafo inteiro sobre uma coisa específica: amar os inimigos.

“Amem os seus inimigos e orem pelos que os perseguem, para que vocês sejam filhos do Pai de vocês, que está nos céus, porque ele faz o seu sol nascer sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos... Portanto, sejam vocês perfeitos.” *Mateus 5.44-48*

1. O portanto liga tudo

Em que sentido devemos ser perfeitos como o Pai? No sentido em que o parágrafo acaba de descrever: amando sem parcialidade, como o Pai ama.

2. A perfeição do Pai, aqui

Deus não faz o sol nascer apenas sobre os bons. Não envia chuva apenas para os justos. É a perfeição de um amor que não faz acepção de pessoas.

3. A conclusão

A perfeição de que Jesus fala não é onisciência, infalibilidade ou incapacidade de errar. É a perfeição do amor. Ser perfeito como o Pai significa possuir um coração governado pelo amor.

Uma pergunta que me fizeram na mocidade

Tudo isso soa abstrato até que alguém coloque a exigência no lugar onde ela dói. Comigo isso aconteceu ainda jovem, e a lembrança nunca me largou.

Um dos rapazes do grupo me puxou de lado e perguntou se eu costumava orar o Pai Nosso. Respondi que sim, evidentemente. Ele então precisou a pergunta, e foi aí que ela deixou de ser estranha:

“Até aquela parte que diz perdoa as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores?”

Confessou que aquela petição ele pulava. Não conseguia orá-la. Não se achava perfeito o bastante em perdoar, e tinha medo de estar pedindo a Deus que o perdoasse exatamente na medida em que ele perdoava os outros.

O escrúpulo dele era sério.

Aquele rapaz havia lido a oração com mais atenção do que a maioria de nós. A petição diz “perdoa as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12), e em Lucas o paralelo é ainda mais direto (Lc 11.4). Recitamos isso sem ouvir o que estamos dizendo. Ele ouviu, e se assustou. O susto era saudável; o remédio que ele escolheu é que estava errado.

O que respondi, e continuo respondendo.

Deixar de pedir não anula a exigência. Silenciar a petição não retira do evangelho o que ele nos manda ser. Deus não requer misericórdia de nós porque a pedimos na oração; requer porque é assim que ele é, e porque nos fez seus filhos. Quem cala aquela linha continua debaixo dela.

Jesus não deixou a petição sozinha.

Terminado o Pai Nosso, entre tudo o que poderia comentar, foi justamente esta linha que ele voltou a explicar: “Porque, se vocês perdoarem às outras pessoas as ofensas delas, o Pai celestial também perdoará vocês. Mas, se vocês não perdoarem... também o Pai de vocês não perdoará as ofensas de vocês” (Mt 6.14-15). Nenhuma outra parte da oração recebeu esse tratamento.

A parábola do servo implacável.

Um servo devia dez mil talentos, dívida impagável, e foi inteiramente perdoado. Saindo dali, encontrou um companheiro que lhe devia cem denários e o mandou para a prisão. O senhor revogou o perdão concedido, e Jesus encerra sem suavizar: “Assim também o meu Pai celestial procederá com vocês, se do fundo do coração cada um de vocês não perdoar o seu irmão” (Mt 18.35).

O que a parábola ensina, e o que não ensina.

Ela não ensina que compramos o perdão de Deus perdoando primeiro: a dívida foi cancelada por pura misericórdia, antes de qualquer mérito, e é essa gratuidade que torna o comportamento posterior do servo tão monstruoso. Mas ensina que a misericórdia recebida e não repassada é uma misericórdia que se pode perder. O perdão foi dado, e depois foi retirado.

Os filhos da misericórdia de Deus não têm o direito de não serem misericordiosos. Recebemos gratuitamente aquilo que nunca poderíamos pagar, e a única resposta coerente é tratar os outros com a moeda com que fomos tratados (Ef 4.32; Cl 3.13; Tg 2.13).

Falta a parte que só entendi bem mais tarde. Aquele rapaz tinha razão em uma coisa: ele realmente não era capaz de perdoar como Deus perdoa. Nem eu era. O erro dele foi supor que a saída fosse baixar a exigência calando a oração.

Quando a Escritura ordena aquilo que não conseguimos, ela normalmente promete aquilo que ordena. Deus manda amar de todo o coração e promete circuncidar o coração para que possamos amá-lo assim (Dt 30.6). Manda andar nos seus estatutos e promete pôr o seu Espírito dentro de nós (Ez 36.27). A petição que ele evitava era exatamente a que ele mais precisava orar.

Duas objeções sérias

Mateus 5.48 seria hipérbole semítica, sem expectativa real de cumprimento.

A objeção tem força. Mas note a diferença: Jesus nunca esperou que alguém literalmente arrancasse o olho, e nenhum apóstolo repetiu aquela ordem como expectativa. Já a ordem de amar plenamente é repetida, ampliada e transformada em oração pelos apóstolos, que pedem a Deus que a realize nos crentes (1Ts 5.23; Ef 3.19; 1Ts 3.12-13). Não se ora pedindo o cumprimento de uma hipérbole.

Lucas escreve “sejam misericordiosos”, o que reduziria a perfeição a misericórdia.

Essa observação, longe de enfraquecer a leitura wesleyana, a confirma. É exatamente o que estamos dizendo: a perfeição em questão é perfeição de amor, e Lucas explicita o que Mateus formula de modo mais geral (Lc 6.36). A questão que permanece é se essa misericórdia semelhante à do Pai é algo que Deus quer e pode produzir no crente.

Onde isso nos deixa

Mateus 5.48 estabelece um alvo real, e o alvo é a perfeição do amor. Não é perfeição de conhecimento, nem de juízo, nem de execução. É o coração inteiramente governado pelo amor a Deus e ao próximo.

“A perfeição que Deus requer é perfeição de amor. Em muitas coisas somos necessariamente imperfeitos, e sempre seremos; mas, pela graça de Deus, podemos tornar-nos perfeitos no amor.” *B. T. Roberts, Ensinos de Santidade, cap. 32*

E a frase que desarma a objeção da limitação humana: “Eu posso amar a Deus de todo o meu coração; um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.” Está aí a diferença entre quantidade e inteireza. O anjo tem mais capacidade do que eu, mais entendimento, mais força, mais alcance. Mas ele não pode dar mais do que tudo, e eu também posso dar tudo. A perfeição cristã não é ter a capacidade de um anjo; é entregar inteiramente a capacidade que tenho.

Cartões de memorização

Frente	Verso
teleios <i>Grego</i>	Aquilo que alcançou o propósito, está completo ou chegou à maturidade.
O que teleios não é <i>Cuidado</i>	Não é impecabilidade nem ausência matemática de defeito.
A planta de milho <i>Roberts</i>	É perfeita em cada fase: o broto é broto perfeito; a espiga, espiga perfeita.
O contexto de Mt 5.48 <i>Chave</i>	É a conclusão do parágrafo sobre amar os inimigos (Mt 5.43-47).
Perfeição do Pai <i>Definição</i>	Amor sem parcialidade: sol sobre maus e bons, chuva sobre justos e injustos.
A pergunta na mocidade <i>Ilustração</i>	“Você ora até a parte que diz perdoa assim como perdoamos?”
Calar a petição não anula a exigência <i>Princípio</i>	Deus requer misericórdia porque é assim que ele é, e nos fez seus filhos.
O servo implacável <i>Mt 18.23-35</i>	O perdão foi dado e depois revogado. Misericórdia recebida e não repassada pode ser perdida.
Ordem e promessa <i>Regra de ouro do curso</i>	Quando a Escritura ordena o que não conseguimos, ela promete aquilo que ordena.
Quantidade x inteireza <i>Roberts</i>	“Um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”

Avaliação

1. Por que o contexto de Mateus 5.43-47 é decisivo para interpretar o versículo 48?

1. Porque mostra que a ordem se dirige apenas aos apóstolos.
2. Porque o portanto liga a ordem a um parágrafo inteiro sobre amar os inimigos.
3. Porque prova que a perfeição é apenas escatológica.
4. Porque indica que Jesus falava de perfeição no conhecimento da Lei.

Resposta: (b) Correto. A perfeição em questão é a de um amor que não faz acepção de pessoas, como o do Pai.

2. Qual das alternativas descreve corretamente o sentido de teleios no Novo Testamento?

1. Ausência absoluta de qualquer falha ou limitação.
2. Estado alcançado somente após a morte.
3. Capacidade sobrenatural de julgar sem erro.
4. Aquilo que alcançou o seu propósito, está completo ou chegou à maturidade.

Resposta: (d) Correto, e o uso confirma: 1Co 14.20; Ef 4.13; Hb 5.14; Tg 1.4.

3. Qual foi o erro do rapaz que evitava orar a quinta petição do Pai Nosso?

1. Ele exagerou a gravidade do perdão, que é assunto secundário no evangelho.
2. Ele deveria simplesmente orar sem pensar no significado.
3. Ele supôs que calar a petição diminuiria a exigência, quando a saída é pedir um coração capaz de cumpri-la.
4. Ele confundiu perdão com esquecimento.

Resposta: (c) Correto. Quando a Escritura ordena o que não conseguimos, ela promete aquilo que ordena (Dt 30.6; Ez 36.27).

4. O que a parábola de Mateus 18.23-35 ensina sobre o perdão?

1. Que a misericórdia recebida e não repassada pode ser perdida.
2. Que compramos o perdão de Deus perdoando primeiro os outros.
3. Que dívidas financeiras devem sempre ser perdoadas.
4. Que o perdão de Deus é irrevogável em qualquer circunstância.

Resposta: (a) Correto. O perdão foi concedido por pura graça e depois revogado diante da falta de misericórdia.

5. Como Roberts responde à objeção de que a criatura humana é limitada demais para ser perfeita no amor?

1. Afirmando que a perfeição só é possível aos anjos.
2. Afirmando que um anjo não pode amar a Deus mais do que de todo o coração, e que também podemos dar tudo.
3. Afirmando que a limitação humana desaparece na inteira santificação.
4. Afirmando que a objeção é irrelevante.

Resposta: (b) Correto. É a diferença entre quantidade e inteireza: a perfeição cristã é entregar inteiramente a capacidade que se tem.

Para refletir

Existe alguma petição do Pai Nosso que você reza sem querer, no fundo, que ela se cumpra?

A pergunta é incômoda de propósito. A quinta petição é a candidata mais frequente, porque é a única que estabelece uma medida, e a medida somos nós. Mas há outras: quem carrega ambição desmedida hesita diante de “venha o teu Reino”; quem controla tudo hesita diante de “seja feita a tua vontade”. O caminho não é calar a petição, e sim orá-la pedindo a Deus o coração que ela pressupõe.

Alguém lhe diz que Mateus 5.48 é apenas um ideal inatingível, dado para nos humilhar. Como responder?

Reconhecendo que a leitura tem tradição respeitável e que há hipérboles no Sermão do Monte, como a do olho que escandaliza. Em seguida, mostrando a diferença decisiva: nenhum apóstolo repetiu a ordem de arrancar o olho como expectativa, mas todos repetiram, ampliaram e transformaram em oração a ordem de amar plenamente (1Ts 5.23; Ef 3.19; 1Ts 3.12-13). Não se ora pedindo a Deus o cumprimento de uma hipérbole.

Para casa

Orar o Pai Nosso devagar, uma petição por dia, durante uma semana, anotando o que cada uma pede de você. Trazer as anotações da quinta petição para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 6 — O coração indiviso. O grande mandamento como definição de perfeição, e a objeção mais forte que existe contra esta doutrina: Gálatas 5.17 e a permanência da carne.

Aula 5 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br